

PLAY ▶
REC ●

REALITY BOY

Copyright © 2013 A.S. King

Título original: *Reality Boy*

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são o produto da imaginação do autor ou são usados de maneira ficcional. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Flavia Lago*

EDITORAS ASSISTENTES *Carol Christo Nilce Xavier*

PREPARAÇÃO DE TEXTO *Andresa Vidal Vilchenski Carol Christo*

REVISÃO *Carolina Lins*

CAPA *Diogo Droschi (Sobre imagem de Andrew Neel/Unsplash)*

DIAGRAMAÇÃO *Diogo Droschi*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

King, A.S.

Reality Boy / A.S. King ; tradução Camila Aguiar. – 1. ed. – São Paulo : Gutenberg, 2020.

Título original: *Reality Boy*

ISBN 978-65-86553-24-6

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

20-41786 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 . Cerqueira César 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420, Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Para Topher

"EVERYBODY'S SO FULL OF SHIT"

[Todo mundo é cheio de merda]

Jane's Addiction

PARTE UM



EU SOU O REALITY BOY

SOU O GAROTO que você viu na TV.

Lembra do diabinho que cagou na mesa da cozinha quando os pais tomaram seu Game Boy? Lembra como a câmera habilmente escondeu as partes íntimas dele com o enfeite de mesa de margaridas e girassóis artificiais cheios de purpurina?

Era eu. Gerald. O caçula de três filhos. O único menino. Fora de controle.

Uma vez, fiz cocô no provador do shopping. Loja Sears, eu acho. Minha mãe estava tentando me fazer experimentar algumas calças e ela escolheu o tamanho errado.

– Agora fique quietinho aqui – disse ela. – Vou buscar o tamanho certo.

E como protesto por ter que esperar, ou por ter que experimentar calças, ou por ter uma mãe como ela, defequei ali mesmo, entre a cadeira de vime e o banquinho onde a bolsa da minha mãe estava.

E não, não teve desculpa. Eu não era mais um bebezinho. Tinha 5 anos. Estava enviando uma mensagem.

Vocês todos assistiram àquilo e ficaram sem ar, tamparam os olhos enquanto três *cameramen* capturavam por ângulos diferentes eu fazendo cocô na mesa de centro da sala de estar, ao lado da vela decorativa com aroma de cranberry. Dois caras seguravam microfones de vara e tentavam ficar sérios, mas não conseguiam. Um deles disse: “Coloca pra fora, garoto!”. Ele simplesmente não conseguia se segurar. Eu era pura diversão.

Certo?

E eu não era mesmo?

Gerald, o pestinha mimado. Gerald, o menino que dava chiliques homéricos que terminavam com buracos nas paredes de gesso, e que gritava tão alto que os vizinhos tinham que chamar a polícia. Gerald, a criança-problema que precisava do dedo mágico da Liga das Babás e de seus três passos para o sucesso.

Agora sou estudante do ensino médio, e todo mundo na minha sala já me viu, quando era criança, cagando em quarenta ângulos diferentes, em diversos lugares. Eles me chamam de O Cagão. Quando eu reclamava aos adultos presentes na minha vida, naquela época do ensino fundamental, eles diziam: “A fama tem seu lado ruim”.

Fama? Eu tinha 5 anos!

Aos 5 anos, eu teria a capacidade de escrever uma carta aos produtores, implorando para que a Liga das Babás viesse me ajudar a parar de socar as paredes da pretensiosa mansão dos McMansion?

Não. Eu não tinha essa capacidade. Não escrevi aquela carta. Não queria que ela viesse.

Mas ela veio mesmo assim.

E eu fiquei ainda mais fora de controle.



É NOITE DO WWE, o *World Wrestling Entertainment*, ou *Smackdown Live* para qualquer um de vocês que não é caipira e nunca assistiu ao espetáculo de luta de peso-pesado antes. Eu sempre detestei, mas dá dinheiro ao Centro CEP.

O Centro CEP é o Centro de Convenções e Entretenimento de Penn, e é onde eu trabalho.

Sou aquele garoto apático atrás do balcão da lanchonete, que veste uma camiseta sebosa e pergunta a você se quer molho de tomate, queijo, pimenta ou jalapeños nos seus nachos. Sou o cara que repõe o gelo porque nenhum dos outros caixas preguiçosos está disposto a fazer isso. Sou o cara que tem que dizer “*Desculpe. Acabaram os pretzels*”.

Ouço os pais reclamarem dos preços de tudo. Ouço-os dizer, “Vocês não deveriam comer toda essa fritura”, bem antes de pedirem *nuggets* de frango e batatas fritas. Percebo como eles se encolhem quando seus filhos pedem uma Pepsi grande e açucarada, que vem num copo comemorativo do WWE, para ajudar a comida a descer. Na WWE há frituras, copos com fotos de lutadores ou cerveja.

Tecnicamente, não tenho permissão para trabalhar nessa posição até completar 18 anos e fazer um curso sobre como servir álcool com

responsabilidade. Tem uma prova e tudo mais – e um certificadozinho para colocar na carteira. Tenho quase 17 anos agora, e Beth, a gerente, me deixa trabalhar aqui porque gosta de mim e nós fizemos um acordo. Eu verifico o RG das pessoas e fico de olho em sinais de intoxicação: falar com voz alta, poucas inibições, olhos vitrificados, fala mole; daí, se tudo corre bem, chamo a Beth para ela tirar o chope. A não ser que esteja superlotado, daí ela pede para eu mesmo fazer isso.

– Ei, Cagão! – alguém gritou de trás da fila. – Dou vinte dólares se você fizer cocô pro pessoal!

É o Nichols. Ele só vem a esse balcão porque sabe que consigo bebida pra ele. E sempre traz Todd Kemp, que não fala muito e na maior parte do tempo parece envergonhado por andar com o Nichols, porque Nichols é um tremendo imbecil.

Aguardo as três famílias que estão na frente de Nichols e Todd, e quando eles chegam perto do balcão, mal sussurram o pedido e Todd entrega uma nota de dez. Dois chopes. Enquanto disfarço para tirar o chope, Nichols fica falando besteiras e coisas irritantes, então faço como meu terapeuta de controle de agressividade me ensinou a fazer: não ouço nada, respiro e conto até dez. Eu me concentro no som da multidão do WWE aplaudindo qualquer impostor que entra no ringue. Me concentro na espuma no topo do copo. Me concentro em como eu supostamente consigo ter amor próprio neste momento. *Só você pode permitir-se ficar com raiva.*

Mas não importa o número de sessões de terapia para controlar a agressividade, sei que, se eu tivesse uma arma, atiraria em Nichols pelas costas assim que ele saísse segurando a cerveja. Sei que isso é assassinato e sei o que significa. Significa que eu seria preso. E conforme fico mais velho, mais penso que talvez a prisão seja meu lugar. Na prisão há muitos caras irritados como eu. É como a central da raiva. Se juntássemos todas as prisões neste país e formássemos um estado, poderíamos chamá-lo de Estado da Fúria.

Poderíamos até criar uma sigla como a dos outros estados. EF. O CEP seria 00000.

Passo pano no balcão enquanto tem um curto intervalo de tempo na fome e na sede da multidão da WWE. Reponho as tampas dos copos.

Conto quantos cachorros-quentes há na pequena estufa. Informo à Beth que acabaram todos os *pretzels*.

Quando me levanto, depois de contar os cachorros-quentes da estufa seguinte, a vejo andando pela multidão. Tasha, minha irmã mais velha. Ela está com o namorado, Danny, que é um pé-rapado. Nós moramos num condomínio fechado de minimansões. O Danny mora em uma comunidade de trailers dos anos 1970. Não há nem ruas pavimentadas lá. Não estou exagerando. O lugar é como o gueto dos caipiras.

Não que eu me importe. Tasha é uma idiota e eu a odeio. Espero que ele a engravide acidentalmente, se casem e tenham cem bebezinhos pálidos, caipiras e amantes do WWE. Porém, eu não atiraria nela. Eu gosto demais de vê-la se dando mal para fazer isso. Observar nossa mãe acabando com ela todos os dias, com a ladainha de Tasha-largou-a-faculdade-e-está-namorando-um-Neanderthal, é tudo que tenho a meu favor no momento.

Possivelmente é a única coisa que me livra de ir para a prisão.



MORO A UNS 15 KM do Centro CEP, em uma cidade chamada Blue Marsh, que não é azul e nem é uma cidade de verdade. É só um monte de condomínios interligados com shoppings.

Chego em casa às 10 horas da noite e as luzes estão apagadas. Minha mãe já está dormindo, porque acorda muito cedo para fazer caminhada e inventar algum *smoothie* novo para o café da manhã. Meu pai provavelmente ainda está fumando charutos com seus amigos do ramo imobiliário e bebendo seja lá o que ricos-babacas que enriqueceram por meio de ações bebem, falando sobre política e sobre como é difícil ser eles.

Conforme me aproximo do hall da cozinha, ouço o som familiar da Tasha trepando com o Danny, o caipira pobretão.

Se eu trouxesse uma garota para casa e fizesse isso com ela, com todo esse barulho, meus pais me colocariam para fora. Mas, quando Tasha faz isso, todos nós temos que fingir que não está acontecendo nada. Uma vez ela estava gemendo no porão enquanto minha mãe, Lisi e eu jantávamos. Isso foi ano passado, quando Lisi ainda morava em casa. Minha mãe não parava de falar para bloquear o som, como se num

passa de mágica parássemos de ouvir o que estava acontecendo no porão.

Você viu que aquele tal Boscov está fazendo uma oferta de artigos de cama, mesa e banho neste fim de semana? Seria bom ter lençóis e toalhas novas, e acho que vou no sábado de manhã, porque a seleção de produtos é sempre melhor mais cedo, e eu realmente gostaria de algum item azul para combinar com o banheiro de cima. Da última vez acabei comprando aqueles lençóis vermelhos, por mais que eu gostasse deles, ainda pareciam muito ásperos, e eles normalmente têm alguns de flanela nesta época do ano, e acho que é importante ter lençóis de flanela, você não acha? Blá blá blá blá blá.

Dei umas sete colheradas do meu belo prato de rosbife e purê de batatas, e então não aguentei mais. Fui até a porta do porão, abri e gritei:

– Se você não parar de comer a minha irmã enquanto eu janto, vou descer aí e acabar com você! Tenha um pouco de respeito, porra! – E bati a porta.

Minha mãe parou de falar sobre toalhas e lençóis, e me lançou aquele olhar que ela lança para todos, desde que me entendo por gente, que dizia: *Tasha não consegue se segurar*. Dizia: *Nós não podemos controlar o que a Tasha faz*.

Ou, nas palavras da Lisi: “Tasha está fora de controle e, por algum motivo, nossa mãe acha que está tudo bem. Não sei o porquê, e também não me importo. Vou pra bem longe daqui assim que eu puder. No mesmo minuto”.

E ela foi. Lisi foi para Glasgow, na Escócia, onde está estudando Literatura, Psicologia e Ciência Ambiental, tudo ao mesmo tempo, enquanto concilia um trabalho de garçonete e sustenta seu hábito, de anos, de fumar maconha. Não ligou desde que foi embora. Nem uma vez. Ela enviou um e-mail para minha mãe contando que chegou bem, mas ela nunca liga. Faz três meses.

De qualquer forma, minha mãe deveria ter dado um nome de cavalo para Tasha, como “Gatilho”. Não só porque ela geme como uma égua quando trepa com o caipira, mas porque ela é meu gatilho número um.

É o termo que meu terapeuta de controle de agressividade usa para descrever por que eu fico bravo. É o vocabulário de autocontrole, a

palavra aceitável que usamos para *merdas que me tiram do sério*. Isso se chama gatilho. Passei os últimos quatro anos identificando o meu. E é a Tasha.

Pelo menos naquela noite – aquela vez que comemos o rosbife e a Lisi ainda estava em casa – a Tasha e o Danny calaram a boca. O que foi bom, porque falei muito sério. Conforme eu comia, ficava de olho na lareira da sala, e imaginava que tipo de dano um espeto de aço poderia causar em uma cabeça humana. Eu visualizava uma melancia explodindo.

Meu terapeuta diria: *Fique no presente, Gerald*. Mas é difícil quando nada acontece, nunca. Por 16 anos, 11 meses e 2 semanas, estou indo para o fundo do poço.

Meu pai chega em casa. Ele vai ouvir também, assim que sair do carro. Os sons do porão – os gemidos de Tasha, em especial – chegam primeiro na garagem. Ouço o barulho dos sapatos sociais dele andando nas pontas dos pés no chão de cimento, a porta se abre... e ele me vê parado no escuro como um maluco e estremece.

– Meu Deus, Ger! – ele diz. – Belo jeito de causar um ataque cardíaco no seu velho.

Vou para o hall de entrada da sala e acendo a luz principal.

– Desculpa. Acabei de chegar também. Fiquei distraído com o... sabe. O barulho.

Meu pai suspira.

– Queria que ela se mudasse daqui de novo – eu digo.

– Ela não tem nenhum lugar para morar.

– E daí? Quem sabe, se vocês botarem ela pra fora, ela arranja um trabalho e para de sugar vocês. – Eu não sei por que estou fazendo isso. Minha pressão arterial está subindo. – Ela tem 21 anos!

– Você sabe como sua mãe é – ele diz.

Você sabe como sua mãe é. Essa é a fala automática dele desde que Lisi se mudou.

Nós passamos para a sala, onde está mais tranquilo. Ele prepara uma bebida e pergunta se quero uma. Eu normalmente falo “não”. Mas, nesta noite, respondo sim.

– Cairia bem. Tive uma noite puxada.

– Jogo de hóquei?

– Luta. Aquelas pessoas nunca param de comer – eu falo.

– Hum – ele diz.

– A Lisi vem passar o Natal em casa? – pergunto. Ele sacode a cabeça negativamente, então eu acrescento: – Ela não volta de jeito nenhum com a Tasha aqui em casa.

Ele me entrega um copo de *White Russian* e se joga no sofá. Ainda veste o mesmo terno de hoje de manhã. É sábado, e ele trabalhou por pelo menos doze horas antes de sair com o grupo de corretores. Ele dá um gole na bebida.

– Aquelas duas nunca se deram bem – ele fala.

O que é uma besteira. Tasha nunca se relacionou bem com ninguém. E é parcialmente culpa dele, então ele dá essas desculpas. *Você sabe como sua mãe é. Aquelas duas nunca se deram bem.*

– Já pensou o que você quer de aniversário? – ele pergunta.

– Na verdade, não.

Não é uma mentira. Eu realmente não estava pensando no meu aniversário, apesar de ser daqui duas semanas.

– Acho que você tem tempo – ele diz.

– Tenho.

Olhamos um para o outro por um momento, e ele consegue dar um sorrisinho.

– Então, quais são seus planos para o ano que vem? Vai me abandonar aqui, como a Lisi fez?

– Minhas opções são limitadas – eu digo.

Ele balança a cabeça.

– Sempre tem a cadeia. – Deixo passar alguns segundos antes de continuar. – Mas acho que o Roger descartou essa possibilidade.

Roger é o meu terapeuta de controle da agressividade.

A princípio, ele parece chocado, mas depois ri.

– Ufa. Por um segundo achei que você estava falando sério.

– Sobre o quê? Quem gostaria de ir pra prisão?

Logo depois, Danny, o pobretão, abre a porta do porão, anda nas pontas dos pés até a cozinha e pega um pacote de salgadinho do armário. Depois, vai até a geladeira e pega um litro inteiro de chá

gelado. Meu pai e eu só percebemos que ele está completamente pelado quando a luz da geladeira ilumina o pau dele.

– Da próxima vez que você for nos assaltar, pode pelo menos estar vestido, rapaz – diz meu pai.

Danny desce as escadas correndo como um rato.

É isso o que temos. Temos ratos no nosso porão. Ratos-esponjas que roubam nossa comida e não nos oferecem merda nenhuma.

Ainda estou pensando sobre a última pergunta retórica que fiz ao meu pai. *Quem gostaria de ir pra prisão?* Eu pensei em enlouquecer de uma vez e ir para o hospício. Nós também temos um desses aqui, a apenas alguns quilômetros da rua de baixo. Mas o Roger disse que os hospícios não são realmente do jeito que eram antes. Nada de jogar basquete com o cacique de *Um Estranho no Ninho*.

– Então, pra onde, Ger? – meu pai pergunta, mexendo a bebida com o dedo indicador.

Não sei o que dizer. Na real, não quero fazer nada. Só quero uma oportunidade para começar de novo e ter uma vida de verdade. Uma vida que não ficou fodida desde o começo, nem foi divulgada na TV internacional como se fosse um show de horrores.



EPISÓDIO 1

CENA 1

TOMADA 3

SIM, EPISÓDIO UM. Já que eles produziram mais de um show do Cagão. Com todos aqueles pais problemáticos no país, eu era uma grande sensação, por isso eles queriam criar mais oportunidades para assistir ao pequeno Gerald se agachando e fazendo cocô nos lugares mais peculiares.

Eu quase podia ouvir os pais de crianças que fazem birras normais, aliviados, dizendo: *Pelo menos, o nosso filho não caga na mesa de jantar!*

Pura verdade. Pura verdade.

O que eles não sabiam era que me tornei o Cagão quando aquelas câmeras foram instaladas nas nossas paredes. Quando estranhos com microfones fizeram teste de som para terem certeza de que podiam capturar cada barulhinho que se fazia. Até que virei entretenimento.

Antes disso, eu era apenas frustrado, uma criança confusa que podia ficar agressiva – na maioria das vezes, contra uma parede... e Tasha.

Se eu pudesse escolher o código de área da minha casa enquanto estava crescendo, seria IJ. Eu ficava furioso, sim. Lívido. Enraivecido. Em chamas. Mas só porque tudo era INJUSTO. Código de área IJ. CEP: ??????. (O CEP para IJ provavelmente muda a cada cinco segundos, então não faz sentido tentar dar um CEP.)

Não consigo me lembrar de nenhuma fase em que eu não queria socar tudo à minha volta, por frustração ignorada e confusão. Nunca dei um soco na Lisi ou nos meus pais. Mas a Lisi e os meus pais nunca me imploraram para dar um soco neles. As paredes sim. A mobília sim. As portas sim. A Tasha sim.

Desde o momento em que vi a Babá, não levei a sério que ela era uma babá. Ela não parecia uma babá, nem agia como uma. Tinha cabelo de estrela de cinema – algo que você veria na pré-estreia de um filme de Hollywood. Era magra – magrela até. E se arrumava como se fosse para um casamento. Não sorria e não era carinhosa. Era como se ela estivesse... atuando.

Enviaram uma babá falsa.

Eu não tive certeza disso até ficar mais velho, mas era verdade. A Babá era, na realidade, Lainie Church, que na verdade era Elizabeth Harriet Smallpiece, de uma cidadezinha no sul da Inglaterra, que queria fazer sucesso em Hollywood desde seus 5 anos de idade. Seus primeiros trabalhos como atriz foram em comerciais, depois ela teve uma participação por um período em Iowa, como uma daquelas meteorologistas falsas que não conhecem nada sobre previsão do tempo, mas fingem que sabem. Ela tinha um sotaque de Iowa bem convincente também. Mas a Liga das Babás foi o papel que a lançou como atriz.

Em parceria com nossa babá falsa, tinha uma babá de verdade, menos apropriada para a tela. Ela não tinha permissão para interagir conosco, mas piscava para mim, às vezes, e dava instruções para a Babá falsa sobre como atuar como uma boa babá. Esse acordo me deixava louco. Me lembro de estar lá sentado e assistindo a elas combinando e pensando o que eu poderia fazer para realmente mostrar ao mundo como as coisas estavam erradas na minha vida.

Depois de a Babá falsa se encontrar com seu maquiador profissional por meia hora, ela vestia o figurino, incorporava a personagem, e ia para a sala, onde minha família esperava sentada. Ela batia palmas e olhava para nós três. Eu tinha 5 anos, Lisi tinha 7 e Tasha tinha quase 11.

Depois, ela olhava exclusivamente para mim enquanto conversava.

– Seus pais me chamaram porque sua família precisa da minha ajuda. – Ela parou e verificou seu próprio reflexo na tela da TV. – Sua mãe diz que vocês brigam o tempo todo, e isso não é um comportamento aceitável.

Para se ter uma boa ideia da Babá, você tem que dar a ela um sotaque inglês. Ela puxava os erres. *Compo-r-tamento*.

– Parece que vocês precisam dos três passos para o sucesso nesta casa. E vamos começar com uma disciplina mais tradicional. Você sabe o que isso quer dizer, Gerald?

O diretor me disse para balançar a cabeça negativamente, e eu fiz isso. Eu tentava não olhar direto para as câmeras, e foi por isso que levaram três tomadas para filmar a cena um. Como um menino de 5 anos consegue *não* olhar para uma câmera que está na frente do rosto dele?

– Isso significa que estamos para começar uma vida completamente nova – ela disse. – E essa será uma família inteiramente nova, fácil como em 1, 2, 3.

A Babá aparecia apenas por um dia, e depois deixava a equipe de filmagem e os *cameramen* lá em casa para nos filmar sendo *endiabrados* uns com os outros. Daí, duas semanas depois, ela voltava e decidia, baseado nessa premissa, quem estava certo e quem estava errado, quem precisava de castigo *me-re-cido*, e quem precisava aprender mais sobre responsabilidade. Ela ensinou meu pai e minha mãe sobre o “cantinho da disciplina” e como fazer render o tempo na tela. Eles mesmos desenhavam quadros com linhas, colunas e adesivos. (As meninas ganhavam adesivos de gatos. Eu ganhava adesivos de cachorros.)

Na verdade, a Babá não ajudava a desenhar os quadros, porque suas unhas feitas na manicure eram muito delicadas, e desenhar quadros não foi especificado no contrato. “De qualquer maneira, não é minha

função ser os pais dessas crianças”, ela dizia para meus pais. “É de vocês.”

O que a câmera não via era que tudo que nos tornava *endiabrados* acontecia por trás das paredes ou apenas sob o radar daqueles microfones. Então, a Babá (bom, na verdade, *as babás*) via apenas parte da situação, que era normalmente eu ou a Lisi correndo atrás da Tasha, tentando bater nela.

Ou eu me agachando na mesa de jantar naquele dia – o vídeo do YouTube mais assistido na época do show – depois que a Babá tomou meu Game Boy porque fiz birra. Aquele foi meu primeiro cocô, primeiro de muitos. Depois que passei o dia inteiro no meu quarto, ela perguntou:

– Você sabe que fazer cocô em qualquer outro lugar que não seja no banheiro é sujo, né?

Eu fiz que sim com a cabeça, mas a palavra sujeira apenas continuava como um eco nos meus pensamentos. Foi o que minha mãe me disse quando eu, acidentalmente, fiz cocô na banheira quando tinha 3 anos.

– Por que você fez isso? – perguntou minha mãe. – Por que ser tão sujo?

Eu era tão pequeno que nem me lembro de muita coisa, mas lembro que cinco minutos antes, a Tasha me disse que ia me ajudar a lavar o cabelo. O que ela não fez.

A Babá disse: “Toda vez que você fizer cocô fora do banheiro, limpe você mesmo e depois vá para o seu quarto e fique lá o dia todo. Isso parece justo?”.

Eu chacoalhava os ombros.

Ela repetia: “Isso parece justo?”.

Eu lhe pergunto: Imagine um menino de 5 anos cercado por câmeras. Imagine que ele mora no código postal IJ. Considere que era tão pequeno para dar a mínima, que começou a fazer cocô na mesa de jantar na frente das câmeras. Depois faça essa pergunta a ele. Ele não saberá como responder.

Então surtei.

Eu gritava tão alto e por tanto tempo, que achava que minha garganta estava sangrando quando eu parava. Então a Babá chegou perto

de mim, se sentou e mexeu no meu cabelo. Foi o gesto mais próximo de uma babá que vi em duas semanas. Ela me perguntou por que eu estava tão irritado, mas riu quando lhe contei.

– Sua i-r-mã não está tentando matar você, Gerald. Não exagere.



UMA DAS PRIMEIRAS COISAS que eles me contaram na aula de controle da agressividade foi que eu deveria praticar exercícios constantemente. Pensei em treinar no equipamento do meu pai, no porão. Mas, depois, você-sabe-quem desistiu da universidade de babacas logo de cara e mudou-se de volta para casa, então guardamos a esteira, o equipamento de levantar peso e a mesa de pingue-pongue, e afastamos tudo para o canto da garagem.

Quando expliquei para o meu terapeuta que agora o espaço para levantar peso estava ocupado pelo meu gatilho número um, ele sugeriu que eu fosse para uma academia de verdade. No começo, meus pais me deixavam na academia algumas vezes por semana. Mas daí eu vi uma academia diferente dentro da academia real – a academia de boxe. Então decidi que deveria frequentar, porque, como você sabe, eu gostava de dar soco em qualquer merda. Quando contei para meu terapeuta que havia me inscrito numa academia de boxe, ele suspirou, mas, no fim, concordou. Com uma regra: Nada de lutar boxe de verdade. No sentido de, nada de bater em outras pessoas. Eu tinha 13 anos e meio de idade e já tinha socado pessoas o suficiente, então, por mim, tudo bem.

Os caras que treinam na academia são legais, eu acho, mas tem um

cara em particular. Ele tem problema. Código postal EF por inteiro. Ele olha para mim, às vezes, e dá um sorriso provocador. Sei o que significa, porque eu fazia isso.

O nome dele é Jacko. Não tenho a menor ideia de qual é o nome verdadeiro dele. Ele é jamaicano, mas não de verdade, porque o sotaque dele é falso. Seus pais se mudaram para Blue Marsh quando ele tinha 3 anos, e agora ele é menino de classe média, que sonha em ser tão pobre quanto os pais dele foram, o que faria dele alguém tão interessante quanto eles são, para poder contar histórias sobre sua aldeia de pescadores e sobre como é viver em um barraco com teto de zinco ou algo do tipo. Aposto que é por isso que ele luta boxe. Porque ser alguém de classe média é chato demais.

De qualquer forma, não entendo por que todo mundo está tranquilo com o fato de eu frequentar uma academia de boxe. A ideia em si é bem irônica. Veja bem, se eu não podia acabar com você, tenho certeza absoluta de que posso fazer isso agora. E é nisso que penso a todo minuto enquanto estou na academia. Acabar com a raça de alguém.

A-C-A-B-A-R C-O-M A R-A-Ç-A D-E A-L-G-U-É-M

Parte de mim quer muito arrebentar aquele Jacko, não me importaria se eu fosse preso. Na cadeia, eu poderia socar mais e mais gente, até que alguém maior que eu me arrebentasse e me matasse. E é tudo o que qualquer pessoa espera de mim a essa altura, certo? Cadeia ou morte, eu acho. Cadeia ou morte.

Começo a bater no saco de areia. Bato até parar de sentir meus dedos. Às vezes eles ficam inchados por dias. Nesta manhã de domingo, eles acordaram rachados e com a pele exposta, e eu penso sobre o quanto eles ficarão lesionados quando eu estiver mais velho, e como vou precisar de doses de cortisona como meu tio-avô John, e não me importo. Pulo corda por uns quinze minutos e depois treino no saco *speed* – meu preferido, porque tem ritmo e me faz entrar num certo transe.

Eu gosto do transe. Ele me desplastifica. Por quinze minutos fico livre da camada de filme plástico na qual estive envolto por toda minha vida. Minha visão, olfato e audição ficam melhores. Eu consigo *sentir*.

Às vezes, o saco *speed* me dá vontade de chorar de tão bom. Mas não choro. Só perco o ritmo e me plastifico de novo – da cabeça aos pés.

Antes de chegar ao estacionamento, entro no galpão que fica ao lado – um depósito abandonado onde antes havia uma empresa de entregas. Quando comecei a frequentar esse lugar, a empresa ainda operava aqui. Agora, tudo o que resta são as estruturas de prateleiras e os pequenos cubículos dos escritórios.

Está escuro.

Acelero em direção a uma das paredes do cubículo. É a única parede de gesso no prédio de tijolos vermelhos. Atravesso a parede com meu punho, mas não é o suficiente, então dou outro soco, mais abaixo, porque estou começando a ficar sem espaço na parede. Minha mão arde e minhas juntas sangram, mas a sensação é boa. Quando me afasto da parede, conto os buracos. Quarenta e dois.

Quando chego em casa depois da aula de boxe-que-não-é-boxe, meu pai já se foi faz tempo, para seus plantões de domingo, e minha mãe acabou de tomar um banho após sua caminhada rotineira de duas horas no domingo de manhã, e está na cozinha, fazendo “x” tarefas de cozinha. Ela ama cozinhar. Se minha mãe fizesse tudo do jeito dela, ela viveria na cozinha e tudo seria feliz. E se alguma coisa não fosse feliz, ela faria alguma receita, e então *tornaria* isso feliz. Ou ela simplesmente faria mais caminhadas. Você escolhe.

Depois que tomo banho, eu me sento e ela coloca um prato de café da manhã na minha frente. Ovos mexidos, peru em tiras e um copo d’água. Minha mãe tem um novo centro de mesa decorativo que me fez lembrar da Babá. Eu devo ter cagado nessa mesa umas dez vezes, fácil. Talvez mais vezes.

– O treino foi bom? – minha mãe pergunta.

– Sim. Estou ficando cada vez mais rápido no saco *speed*. Eu amo aquilo.

– Que bom pra você – ela diz. No bom sentido.

– É.

– Fico contente que encontrou aquela academia – ela acrescenta. – Nunca tinha reparado nela antes.

Minha mãe apoia o garfo na ponta do prato, engole um punhado de cápsulas estranhas – vitaminas e suplementos –, e come qualquer outra coisa que pessoas que fazem caminhada comem para não desaparecerem no ar atmosférico. Diria que, com 1,58 metro de altura, ela está pesando menos de 45 quilos, fácil.

– Hoje vou sair pra fazer compras antecipadas de Natal – ela diz. – Seu pai vai voltar por volta das 4 horas da tarde. Vemos você no jantar?

Quando estou para responder, o som rítmico começa no porão. *Ba-bang-ba-bum-ba-bang-ba-bum*. Minha mãe automaticamente se levanta, abre a torneira da pia no máximo, coloca a louça suja na máquina e a liga, mesmo não estando cheia.

– Não. Dois turnos hoje. Volto pra casa só depois do jogo de hóquei. Provavelmente tarde, 22 horas. Vou jantar por lá mesmo. – Olho no relógio. São 10h30. Tenho que estar no Centro CEP às 11 horas. – Merda. Melhor eu ir.

Há alguns anos, se eu dissesse ‘merda’ tão casualmente na frente da minha mãe, ela me repreenderia pela linguagem. Agora ela não diz nada. Não tenho certeza nem se me ouviu com a lava-louça ligada e o *ba-bang-ba-bum-ba-bang-ba-bum*.

– Pode deixar seu prato. Eu coloco pra lavar – ela diz. – Tenha um ótimo dia.

– Obrigado. Você também.

Não é uma graça? Não é um amor o que a Babá fez por nós? Há onze anos, minha mãe limpava minha sujeira daquela mesma mesa. Agora, ela se oferece para limpar o meu prato porque sabe que tenho que chegar ao trabalho na hora. Como somos educados e cuidadosos! Que comportamento apropriado.



TEM ESSA GAROTA.

Ela normalmente trabalha no caixa um, e eu prefiro assim, porque trabalho no caixa sete e ela fica longe de mim, e aí não preciso ficar nervoso ao passar por perto para chegar aos combos de refeições para crianças ou aos doces. Temos que nos espremer para chegar até o caixa cinco, porque tem só um metro e meio de distância entre o balcão e a mesa onde os cozinheiros colocam toda a comida que temos que servir.

De qualquer maneira, durante a matinê ela fica no caixa quatro porque o estande fica meio fechado, e tenho que passar por ela duas vezes para pegar coisas. Eu sei... é sobre esse tipo de coisa que vou pensar quando estiver na cadeia, um dia.

Ela começou a trabalhar aqui há apenas algumas semanas. Horários fixos como eu, mas nem sempre no meu estande. Ela desaparece muitas vezes, e a vejo nos intervalos na área de fumantes, escrevendo em um caderninho que carrega no bolso. Às vezes olha para mim. Já me pegou olhando para ela duas vezes, mas eu já olhei para ela muito mais vezes que isso, porque vejo algo nela. O jeito como escreve naquele caderninho. Ela é linda – mas não daquele jeito de quem se preocupa com a aparência. Ela é o oposto. Não está nem aí, o que a torna ainda mais bonita. Se eu fosse um cara normal, a convidaria para sair, eu acho.

Mas Roger, meu terapeuta de controle de agressividade, me disse que namoro e controle de agressividade não combinam. Ele disse que meninas nos causam raiva. Elas sempre querem *saber* muita coisa. *Relacionamentos fazem você pensar que merece coisas, Gerald. Merecer leva a ressentimentos. Meninas acham que você deve fazer coisas por elas também. As regras não são claras. Você está indo tão bem.*

A matinê no CEP é um grupo de canto para crianças. Desde a hora em que abrimos e as crianças chegam, as únicas coisas que realmente vendemos são *pretzels*, água mineral e alguns caramelos. É lento. A maioria dos pais aparecem bem-vestidos, e eles fazem seus filhos dizerem “obrigado”. Um exemplo:

- Como é que fala para o mocinho? – eles perguntam.
- Obrigado – diz a criança quando devolvo a ela um dólar de troco.
- Você pode fazer melhor que isso, Jordan – diz a mãe.
- Obrigado – diz ele, nada diferente do que antes.

Entrego a ele o *pretzel*, e ele me mostra um sorriso amarelo porque acha que sou um adulto burro que não consegue um emprego melhor que concessões no Centro CEP. Odeio pais assim. Tão preocupados com aparências. Tenho vontade de falar para eles como são sortudos por terem um filho que não caga no sofá preferido deles. Ou na BMW deles.

Depois da correria da pré-apresentação, tenho tempo de espiar a arena. Há quatro caras fantasiados – um de caubói, outro de engenheiro civil, um de homem de negócios e outro de chef de cozinha – que tocam músicas usando os mesmos acordes repetidamente. O chef toca a bateria com utensílios de cozinha. O caubói às vezes sai do ritmo e engrena numa música country sozinho enquanto os outros componentes da banda reviram os olhos. Daí ele monta no violão dele e sai galopando pelo palco. As crianças não se cansam de assistir a essa cena. Os gritos agudos estouram meus tímpanos.

– Que doideira – diz a garota do caixa um. – Como alguém pode achar isso engraçado?

– Pois é, né? – eu digo e saio andando em seguida, porque ela é irresistível, e eu estou na missão de resistir a ela.

Abasteço a geladeira com água mineral e soda diet. Vou ao banheiro para fazer xixi e lavo minhas mãos, exatamente como é esperado que

um funcionário faça. Quando saio, ela não está em lugar algum. Deve estar escrevendo sobre mim no caderninho dela. Sobre como tentou falar com o Cagão, mas ele saiu correndo.



– GERALD?

É Beth, minha gerente. Eu olho para ela.

– Gerald, você está parado aí, olhando para o nada, faz cinco minutos.

Olho o relógio. Vejo pais bem-vestidos levando as crianças entusiasmadas para o estande de souvenir para comprar fantasias de caubói/terno/chef de cozinha, pipas, copos e camisetas. Fechamos o portão, para então fecharmos os caixas e nos prepararmos para o pessoal do hóquei. Já fechei o meu caixa. Não me lembro de fazer isso, mas está feito. Percebo que Beth parece preocupada. Pelo menos tanto quanto Beth consegue aparentar preocupação, de qualquer forma. Ela é tão relaxada que é quase na horizontal. Mesmo assim, parece preocupada.

– Desculpa – eu digo.

– Pode sair pra um intervalo se quiser – ela diz. – Você está aqui desde que abrimos. Já almoçou? – Eu queria que Beth fosse minha mãe. Ela com certeza não ia deixar a Tasha morar no porão com seus namorados-ratos que passam a noite. – Eu tenho frango e batatas fritas de sobra se você quiser – ela acrescenta, e aponta para a bandeja rasa de aço inoxidável abaixo da lâmpada de aquecimento cheia de frituras que nunca foram vendidas.

Conforme estico minha mão, a menina do caixa um estica a dela também, e nossos pulsos encostam um no outro. Eu olho para ela e dou um sorriso. Ela sorri de volta e afasta a mão para me dar licença. Eu faço o mesmo. Beth interfere e serve *nuggets* e fritas em um saquinho de papel para cada um de nós, e agradecemos a ela. Depois dou a volta em direção ao caixa sete para comer, e a garota vai para onde todo mundo está almoçando, próximo às pias, depois do caixa um.

Volto para meu “outro dia”. Aquele em que eu estava vivendo dentro da minha cabeça quando Beth me deu um estalo para acordar. Meu lugar-sem-gatilhos. Inventei isso quando era pequeno, graças à Babá. Eu chamo de Dia B. É o dia extra que ganho numa semana que ninguém sabe a respeito. Vivo esse dia em pequenas partes daqueles outros dias normais, como segunda, terça ou quarta-feira, etc... Enquanto pessoas normais que têm sete dias em sua semana podem achar que estou viajando ou “em outro planeta”, como o idiota do meu professor do 4º ano dizia, eu realmente vivo um dia a mais que todos vocês. Um dia bom.

Todo Dia B é um dia bom.

Deixe-me repetir. Todo Dia B é bom.

A abreviação postal É DB. Para Dia B. Ou Dia Bom. Ou como queira chamar, contanto que seja tão bom que todo o mal vai embora. O CEP é ☺ ☺ ☺ ☺ ☺.

E se eu tiro um dia DB durante qualquer outra EF 00000, ou semana UF??? Assim minha vida será mais longa que a de todo mundo. São 52 dias extras por ano, no total.

Deixe-me explicar melhor.

Um adolescente de 16 anos (quase 16 anos) vive em torno de 6.191 dias. Eu, Gerald “O Cagão” Faust, já vivi 6.815. São 624 dias a mais do que qualquer outro adolescente de quase 17 anos. Tecnicamente, se contarmos pelos dias, tenho quase 19.



EPISÓDIO 1

CENA 12

TOMADA 2

– GERALD, VOCÊ NÃO pode continuar viajando no seu próprio mundo desse jeito – dizia a Babá. – Você precisa ficar aqui e ouvir o que estou dizendo, comp-r-eende?

Eu faço que sim com a cabeça porque o diretor me disse para fazer isso. Mas eu ainda estava no Dia B, tomando sorvete de morango e caminhando por uma rua feliz, numa vizinhança urbana, onde nada do que nenhuma das crianças fizesse poderia me fazer querer bater nelas.

A Babá deve ter notado, porque me agarrou pelos braços, ficou cara a cara comigo e disse:

– Gerald! Você é necessário aqui. Ou você ouve ou passa tempo no cantinho da disciplina.

– Vou ficar com o cantinho da disciplina, por favor – eu respondi. Depois levantei e andei até a cadeira, sentei, e voltei para meu Dia B e

minha casquinha de sorvete.

Uma das crianças queria que eu fizesse parte do time de *kickball* dela. Outra criança queria que eu andasse de bicicleta com ela, e não ligava que eu ainda usava rodinhas. Terminei meu sorvete e imaginei que seria uma boa ideia tomar mais um. E então Lisi estava lá e me deu um sorvete de baunilha com granulado colorido. Ela tomou um de chocolate com granulado de chocolate. Nós andamos por várias ruas até chegar em casa.

Minha mãe estava lá, ela nos abraçou quando chegamos e disse para terminarmos o sorvete na cozinha. Quando eu e Lisi nos sentamos à mesa, ela perguntou como foi nosso dia e nós contamos como foi incrível. Quando terminamos de falar, ela disse que tinha uma surpresa e nos levou ao hall, onde mostrou as novas fotos da escola, emolduradas e penduradas na parede. A Lisi parecia uma estrela de cinema. Eu parecia a criança de 5 anos mais fofo do mundo. Havia uma outra foto – do meu pai e da minha mãe naquela pose meio abraçados, a cabeça dela se curvava de leve na altura do queixo dele. Eles pareciam tão apaixonados e felizes. Afastei-me e olhei aquelas três fotos e chorei lágrimas de felicidade. Isso definia um Dia B. Lágrimas de felicidade. Sorvete. Minha mãe não me ignorando nem ignorando a Lisi por estar ocupada se preocupando demais com a Tasha. Isso não poderia acontecer em um Dia B, porque em um Dia B a Tasha não existe. O que significava que ela não enfiava sacos de plástico na cabeça da Lisi nem me chamava de *gaytardo*. Ela não podia fazer essas coisas, porque ela não estava lá de jeito nenhum. Como a Babá diria: “Simples como 1, 2, 3”.

– Você ouviu aquilo? – a Babá perguntou.

– O quê? – eu perguntei.

– O despertador. Ele disparou faz três minutos. Você estava longe com as fadinhas por todo esse tempo. Sorrindo.

Eu conferi, para ter certeza de que ainda não tinha um sorriso na cara.

– Desculpa – eu disse.

– Gerald, eu e você estamos tentando trabalhar problemas de comportamento muito sérios, e não posso fazer isso sem a sua ajuda.

– Sim. – Close em mim, fazendo que sim com a cabeça. Podia ver as lentes das câmeras focando bem na minha cara.

A câmera boom passou para a esquerda conforme a Babá me abraçou. Era um abraço falso, como se estivéssemos encenando num palco. A costela dela me espetou.

– Eu posso ajudar você, mas não posso fazer isso por você. Compreende? – O diretor acenou com a cabeça, então eu acenei também. – Que bom. Agora, vai para o seu quarto e prepare-se para o jantar. Seu prato preferido hoje à noite! Espaguete com almôndegas.

Trinta minutos depois, eu estava descendo as escadas correndo atrás da Tasha com um sabre de luz de plástico. Quando a alcancei, bati nela tão forte com o sabre que ele quebrou. A ponta quebrada do plástico ficou afiada e arranhou um pouco o braço dela. Não saiu sangue nem nada, mas, quando minha mãe viu, reagiu como se eu fosse o assassino do machado, abraçou a Tasha e gritou comigo. Eu descí correndo o hall e as escadas, e estava pronto para sair correndo pela porta de entrada, quando senti a pegada firme e esquelética da Babá.

Ela me arrastou até o quadro de comportamento na cozinha. Todos os meus adesivos daquele dia foram retirados e substituídos por pontos pretos, e a Babá me falou que eu ia para a cama sem espaguete com almôndegas. A Tasha parou ali e assistiu. Ela fingia que estava chorando, um daqueles gemidos que me levavam a ficar violento.

– Viu o que você fez? – disse a Babá. – Apenas alguns minutos até comer seu p-r-ato preferido e você estraga tudo sendo malvado com a sua i-r-mã! Gerald, eu não te entendo.

Quando as câmeras focaram em mim chorando, a Babá olhou para o seu próprio reflexo da porta do fogão para ajeitar o cabelo e a maquiagem. Ela estava com um batom rosa, tipo madrepérola.

– Corta! – o diretor gritou. Depois de falar com os outros caras da direção e com a Babá de verdade, ele chamou a Babá. Depois veio até nós três, minha mãe, Tasha e eu.

– Olha, nossa equipe não pegou aquela briga com o sabre de luz. Eu mandei o Tim comprar um novo e, se tudo bem por vocês, gostaríamos de refazer a cena, assim a teremos gravada em filme.